

## Editorial

Las lenguas de señas son lenguas naturales, surgen del contacto entre sordos y forman parte del repertorio de acciones de comportamiento, cognición y percepción de sus comunidades. Como lenguas naturales, las lenguas de señas deben circular de forma robusta y consistente, ocupando los espacios que les corresponden.

América Latina está formada por 20 países donde están presentes muchas comunidades sordas con sus respectivas lenguas de señas, en diferentes situaciones sociolingüísticas. Según el sitio web *Ethnologue: Languages of the World* (LEWIS, 2018), América Latina cuenta con 21 lenguas de señas catalogadas, con niveles deferentes de descripción y documentación lingüística, lenguas de señas nacionales y lenguas de señas minoritarias (rurales, indígenas o emergentes). Somos conscientes de que este número es mucho mayor, lo que requiere una acción seria, ética y articulada por parte de los investigadores.

Celebramos que en los albores del siglo XXI haya un mayor reconocimiento de las lenguas de señas en esta región del mundo, y con ello, sean consideradas en la implementación de políticas lingüísticas, educativas y de accesibilidad, de manera que los sordos latinoamericanos vivencian logros importantes que caminan hacia la posibilidad de que ejerzan su ciudadanía a partir de la diferencia sorda. Resaltamos que los movimientos sociales sordos y la sistematización de investigaciones en torno a esa diferencia, principalmente las investigaciones descriptivas de las lenguas de señas, en diferentes países, han contribuido de manera significativa en estas conquistas. Muchas cosas están sucediendo en América Latina. El conocimiento y las experiencias con respecto a la diferencia sorda necesitan ser registrados y difundidos.

El intercambio y integración de investigadores, sordos y oyentes, siempre ha estado presente en América Latina. Hay muchos grupos de investigación nacionales y transnacionales que trabajan para develar instancias de la diferencia sorda, basados en nuestro conocimiento, nuestras complejidades y nuestras demandas. El Dossier Latinoamericano de Lengua de Signos que aquí presentamos surge de este espíritu colaborativo. En este sentido, el Dossier Lenguas de Señas de América Latina da visibilidad a los resultados de investigaciones sobre la descripción de lenguas de señas, la educación para sordos, traducción y interpretación, la cultura y identidades de los sordos, desde deferentes perspectivas disciplinarias. Invitamos a todos a revisar estos artículos.

Profa. Dra. Miroslava Cruz Aldrete (UAEM, México)

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro (UFT, Brasil)

Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig (UFT, Brasil)

As línguas de sinais são línguas naturais, emergem do contato entre surdos e fazem parte do repertório de ações do comportamento, cognição e percepção de suas comunidades. Enquanto línguas naturais, as línguas sinalizadas devem circular de maneira robusta e consistente, ocupando os espaços os espaços que lhes são de direito.

A América Latina é formada por 20 países onde estão presentes muitas comunidades surdas com suas respectivas línguas de sinais, em diferentes situações sociolinguísticas. De acordo com o site *Ethnologue: Languages of the World* (LEWIS, 2018), a América Latina conta com 21 línguas de sinais catalogadas, com diferentes níveis de descrição e documentação linguística, tanto de línguas de sinais nacionais quanto de línguas de sinais minoritárias (rurais, indígenas ou emergentes). Somos cientes de que este número é bem maior, o que demanda uma ação séria, ética e articulada de pesquisadores.

Atualmente, as línguas de sinais estão sendo reconhecidas e consideradas na implementação de políticas linguísticas, educacionais e de acessibilidade, de maneira que os surdos latino-americanos vivenciam conquistas importantes que caminham rumo à possibilidade de exercerem sua cidadania a partir da diferença surda. Ressaltamos que os movimentos sociais surdos e a sistematização de pesquisas em torno dessa diferença, sobretudo pesquisas descritivas das línguas de sinais, em diferentes países, são protagonistas nestas conquistas. Muitas coisas estão acontecendo na América Latina. O conhecimento e as experiências em torno da diferença surda precisam ser registrados e difundidos.

O intercâmbio e a integração de pesquisadores, surdos e ouvintes, sempre esteve presente na América Latina. Os grupos de pesquisa nacionais e transnacionais são muitos e atuam de maneira a desvendar instâncias da diferença surda, a partir dos nossos saberes, das nossas complexidades e das nossas demandas locais. O Dossiê *Línguas de Sinais da América Latina* que ora apresentamos, surge desse espírito colaborativo.

Nesse sentido, o Dossiê *Línguas de Sinais da América Latina* dá visibilidade aos resultados de pesquisas sobre a descrição de línguas de sinais, educação de surdos, tradução e interpretação, cultura e identidades surdas, no âmbito da América Latina, a partir de diferentes perspectivas disciplinares. Convidamos a todos a transitar por esses artigos.

Dra. Miroslava Cruz Aldrete (UAEM, México)

Dr. Bruno Gonçalves Carneiro (UFT, Brasil)

Dr. Carlos Roberto Ludwig (UFT, Brasil)